

## **O Legado do Professor Fernando Roberto De Oliveira para a Educação Física Brasileira.**

**Alex Antonio Florindo – Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; Cesar Cavinato Cal Abad – Coordenador de Operações Acadêmicas – Faculdade Lusófona de São Paulo; Adriano E. Lima-Silva – Professor Associado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Flávio de Oliveira Pires -Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; Fernando Adami – Professor no Centro Universitário Saúde ABC; Ana Carla Santos Mariano – Professora do Centro Universitário Anhanguera – Leme, SP; Gislaine Cristina de Souza – Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais. Ramon Cruz – Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina - Ramon Cruz – Professor da Universidade Federal de Santa Catarina; Pedro de Oliveira – Projeto CRIA-Lavras.**

Este texto tem como objetivo fazer uma homenagem ao professor Fernando Roberto De Oliveira descrevendo seu legado na formação de alguns pesquisadores da Educação Física brasileira. Foi escrito por professores e pesquisadores por meio de uma narrativa pessoal das experiências que tiveram enquanto foram orientados pelo professor Fernando em diferentes épocas da sua trajetória profissional. Dedicamos esta homenagem à família e amigos do professor Fernando, e esperamos que ela possa servir de registro do ser-humano que ele foi ajudando muitas pessoas além destas que escrevem, e que realmente fez a diferença enquanto esteve conosco. Talvez por ironia da vida, o professor Fernando tenha nos deixado um dia após uma data comemorativa que bem o representa, o dia do Professor!

### **Alex Antonio Florindo**

Professores são importantes nas nossas vidas, não somente por compartilharem seus conhecimentos e pela troca de saberes que podem fazer com seus alunos, mas também por serem verdadeiros educadores que contribuem para a formação de pessoas deixando um legado muito importante para a sociedade. Foi assim com o Professor Fernando Roberto De Oliveira. Muito mais que um exímio pesquisador na área de fisiologia do exercício físico, treinamento físico e desportivo, de ter publicado diversos artigos científicos, de ter sido bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, palestrante em eventos importantes como o Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde e treinador de atletismo, acreditamos que seu principal legado foi na formação de pessoas. Ele participou e ajudou diversos estudantes de iniciação científica a se tornarem doutores em diversas áreas do conhecimento e que hoje são professores universitários e pesquisadores. Foi assim conosco. Fernando Roberto De Oliveira graduou-se em Educação Física pela Universidade de Santo Amaro (UNISA) em 1989, concluiu seu mestrado na área de Biociências da Atividade Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1995, seu doutorado em Atividade Física e Esporte pela *Universidad del País Vasco* na Espanha em 2004, com estágios de pesquisa no *Centro de Alt Rendiment (CAR) de Sant Cugat del Valles e INEF Catalunya*, ambos em Barcelona e no *Centro de Medicina AXOLA de San Sebastián*. Fernando foi professor em algumas universidades brasileiras, dentre elas destacamos a Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO, São Paulo), Universidade Ibirapuera (UNIBI, São Paulo), Universidade Bandeirante (UNIBAN, São Paulo), Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC, Florianópolis) e na Universidade Federal de Lavras (UFLA). E é contando um pouco da história do Fernando nestas instituições e relacionando às nossas vidas que pretendemos homenageá-lo.

Na UNICASTELO, eu conheci o Fernando em 1994, que foi meu professor na Disciplina de Metodologia do Treinamento Desportivo. Lembro bem do primeiro dia de aula em que o Fernando falou: “Eu não vim aqui para ser amigo de ninguém, eu vim para ser professor”. Posso afirmar que após alguns anos ele se tornou um dos meus melhores amigos! Ele foi um dos coordenadores do Núcleo de Pesquisas em Cultura Física da UNICASTELO junto com o professor Adilson Souza de Araújo, grupo que integrei fazendo iniciação

científica entre 1994 a 1996. Aprendi muito com o Fernando e boa parte da minha formação científica em métodos teve seus alicerces construídos neste período, além da importância das discussões em filosofia da ciência. Lembro bem das reuniões que fazíamos aos sábados, que muitas vezes iniciam na universidade e acabavam somente na casa do Fernando, na região da Barra Funda em São Paulo, onde passei muitas tardes agradáveis com a sua família.

Agradeço ao Fernando não somente pela contribuição na minha formação científica, mas também na minha formação como cidadão. Como parte de cinco filhos de uma família de classe média-baixa da zona leste de São Paulo, eu tive que trabalhar (como bancário) entre 1993-1994 para custear a mensalidade da universidade, porém, resolvi sair a partir de 1995 para cumprir estágios, me dedicar à iniciação científica e tentar uma bolsa para custear a universidade, algo que infelizmente nunca aconteceu na graduação. Muitas vezes fui ajudado financeiramente pelo Fernando no transporte para chegar de Sapopemba até Itaquera para participar de reuniões e de avaliações dos protocolos de pesquisas. Para finalizar, relato duas das muitas lembranças que tive no convívio com o Fernando. Uma delas foi meu primeiro trabalho científico que apresentei em novembro de 1995 no Congresso de Iniciação Científica da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo intitulado “Medida da velocidade do ponto de deflexão da frequência cardíaca no teste de *Course Navette*”. Foi uma baita experiência desde a discussão do projeto, até a realização das avaliações, análises de dados, elaboração do resumo e apresentação do trabalho numa sala lotada incluindo diversos alunos e grandes pesquisadores da Educação Física. A outra foi em dezembro de 1998 quando eu já estava no mestrado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e fui fazer um estágio na Espanha, no Centro de Medicina AXOLA de *San Sebastián*. Nesta oportunidade eu fiquei 10 dias em Barcelona, na casa do Fernando. Lembro que ia com ele para a universidade, depois passeávamos pela cidade e sempre discutíamos um pouco de filosofia da ciência e o resultado sempre era que perdíamos a estação correta do metrô da casa dele e tínhamos que voltar.

Deixo uma frase que se tornou um mantra nas nossas vidas de um filme chamado “Sábado”, de Ugo Giörgitti, que retratava a gravação de um comercial num prédio que já havia sido de luxo, mas que estava ocupado por moradores de classe média baixa no centro antigo de São Paulo. Por incrível que pareça, assisti a esse filme na casa do Adilson junto com o Fernando num sábado à tarde e a frase veio do Jô Soares (que fazia o papel de síndico do prédio) e foi dita após um eletricitista conseguir consertar a caixa de força que ligava o elevador, onde agentes de uma funerária estavam presos junto com uma pessoa falecida que estava sendo recolhida (trama que durou o filme todo). A frase foi: “olha aí, o estudo vale ‘arguma’ coisa, meu, vale ‘arguma’ coisa”. Fernando agradeço por tudo e realmente, o estudo vale alguma coisa!

### **Cesar Cavinato Cal Abad**

É com imensa gratidão que faço esta singela homenagem póstuma. Não se fazem necessárias apresentações do currículo e tampouco da trajetória brilhante que o Prof. Fernando teve, pois ela já foi muito bem contada anteriormente por outros colegas e pode ser facilmente acessada nas plataformas digitais e sites de busca para aqueles que desejam vê-la. Sendo assim, pretendo apenas descrever memórias marcantes da época em que tive o privilégio de ver, conviver e aprender com esse grande Mestre.

O Professor Fernando Roberto De Oliveira, também conhecido como Fernandão, era uma figura ímpar. Das aquelas do tipo que ame-o ou odei-o. Entre as frases mais proferidas por ele e que me ensinavam além dos livros e conteúdos curriculares estavam: “Vamos fazer o que é certo! Assim podemos continuar falando mal dos outros”, “Nada pode custar mais do que vale!” e “Todo aperto ainda será pouco”. Jamais me esquecerei dos ensinamentos implícitos nestas frases como jamais esquecerei de vários outros ensinamentos que pude ter com ele na teoria e na prática ao longo de nossa jornada.

O conheci em 1996, na zona Norte de São Paulo, na antiga Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN). Na época, sem nenhuma estrutura mirabolante (que era como ele sempre fazia as coisas), ele fundou um grupo de estudos com quatro pessoas (ele, eu, um colega da minha sala e um outro professor) o qual mudou, para sempre, o rumo da minha vida. Entrei naquele grupo de estudos incentivado exclusivamente por ele. Com olho clínico e peculiar como jamais vi em outra pessoa, ele olhou em meus olhos e disse: “Vai estudar! Você tem perfil!” E eu passei a acreditar que eu era bom e que poderia ir longe. E foi assim, que no 2º semestre da faculdade, terminei o ano letivo decidido a fazer o que fosse necessário para me tornar um professor universitário. Hoje sei que essa decisão ocorreu porque de alguma maneira, gostaria de tentar imitá-lo. Na época, passei a desejar dar aula no ensino superior da mesma forma como ele fazia. Usava somente giz e lousa. Recheava as aulas com exemplos e analogias e só não aprendia com ele quem não quisesse.

Foi motivado por ele que terminei a graduação com a certeza de que faria Especialização, Mestrado e Doutorado. E hoje, atuando no ensino superior, a cada primeiro dia de aula, faço questão de contar aos meus novos alunos a importância que o Fernando teve na minha trajetória. E é impossível não lembrar dele quando recebo algum elogio ou reconhecimento de algum aluno, pois, de alguma forma, é como se eu estivesse conseguindo imitá-lo.

O Fernando era mais que um professor. Era bom pai, bom amigo e bom treinador. E, também era bom de briga. Adorava uma discussão polêmica e vencida a maioria delas. Lia muito! E dava tanto argumento lógico sobre qualquer assunto que até seus adversários mudavam de ideia. Eu nunca o vi perder um debate! Ganhava todos! Até porque quando estava em maus lençóis, lançava uma piada (na maioria muito ruim) e distraía os oponentes com uma outra conversa qualquer.

Ele foi um bom homem. Íntegro, inteligente, sagaz, muito trabalhador e viveu em plenitude. Só tinha preguiça depois de comer feijoada. Lutava por suas verdades, seus ideais, seus alunos, seus amigos, seus filhos, seus atletas, suas equipes, suas universidades. Nos últimos anos lutou incansavelmente por seus pretos e pretas do excepcional projeto que criou em Lavras-MG. E mesmo longe, ele sempre dava um jeito de se fazer presente! Sem dúvida ele deixará um legado para muitas e muitas gerações. Desejo que seu nome, estampado em uma das quadras municipais de Lavras, possibilite às pessoas desta cidade saberem o quão grande ele foi.

Infelizmente, ele nos deixou precocemente. Tenho certeza que ainda faria muito pelas pessoas, pela Educação Física e pelo Esporte. Mas mesmo ausente, ele nos deixou um grande legado. E tenho certeza que continuará presente por meio daqueles que, assim como eu, o carregam em suas memórias e corações.

Querido Fernando, obrigado por sua vida intensa e cheia de significado! Você sempre foi autêntico, único e permanecerá insubstituível. E, sem dúvida, fará muita falta!

### **Adriano E. Lima-Silva**

Conheci o Professor Fernando Oliveira, o “De-Oliveira”, em 2000. Foi meu professor da disciplina de fisiologia do exercício, quando eu cursava o último ano de Educação Física na Universidade Ibirapuera, em São Paulo. Logo na primeira aula já deu para perceber que não seria uma disciplina normal. Seria intensa, cheio de emoções. Fernando tinha um jeito muito peculiar de tirar o melhor das pessoas. Levava a “vítima” ao estresse extremo, mas sabia a hora exata de socorrê-la. Na minha primeira avaliação tirei nota 2, um baita baque para quem vinha tirando notas entre 9 e 10 o curso inteiro. Para as próximas avaliações tripliquei o tempo de estudo e as notas voltaram a subir. Mas isso não foi o mais importante. Após a terceira avaliação, quando entregou a nota, disse em público “Negão, você vai ter que dar uma aula para mim em outra faculdade porque tenho compromisso”.

A aula demorou a vir, mas quando veio chegou de uma forma inesperada, para mim ao menos. Em um sábado, eu, Fernando e Flávio Pires (que também assina os artigos dessa série) fomos a Universidade

Uninove, onde Fernando tinha uma aula de bioenergética para lecionar. Na sala de aula, sem ter avisado antes, me apresentou como o professor da aula. No início achei que era brincadeira, mas como se tratava do Fernando, o sistema simpático já tinha disparado. Ia ser preciso lutar ou fugir. Como dei uma vacilada esperando uma mudança repentina de ideia (santa inocência!), ele foi taxativo “Filho, estamos esperando essa aula começar. Você não veio para dar aula?”. Resultado 1, dei minha primeira aula com um giz na mão e muita gagueira. Resultado 2, me tirou da zona de conforto e me fez apaixonar pela docência.

Fernando se mudou para Joinville. Passou em um concurso na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Anunciou o feito na festa da minha formatura. Continuamos tendo contato e realizando trabalhos de pesquisa juntos. Em 2002, fomos ao IV Congresso Sul-Brasileiro de Medicina do Esporte, em Blumenau. Foi minha primeira apresentação em congresso e ainda por cima de forma oral. Fernando sentou-se na primeira fila (tempo depois me ensinou que os(as) orientadores(as) devem sentar-se na primeira fila para que o(a) estudante sintam-se confiante). Além de ser minha primeira apresentação oral, era também a primeira vez que usava uma ponteira laser. No meio da minha apresentação a energia caiu por uns 2 minutos. Tempo suficiente para Fernando passar seu recado “Para de girar essa ponteira senão te dou um soco na cara”. Resultado 3, nunca mais girei ponteira na vida.

Fernando foi transferido para o Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da UDESC, em Florianópolis. Em 2004 comecei meu mestrado no CEFID, sob orientação da professora Monique Gevaerd, que trabalhava com Fernando no mesmo laboratório. Considero essa uma das fases mais importantes da minha carreira, pois ali apreendi gerenciar grupo e despertar o desejo de construir algo tão grande como Fernando fez. Ali Fernando mostrou toda sua habilidade e sua maior vocação: detector de talentos. Era simplesmente impressionante a quantidade de bons estudantes que Fernando atraía. Não à toa que a maioria de seus ex-orientandos e ex-orientandas ocupam hoje posição relevante na academia. Fernando me ajudou com moradia, alimentação (cansei de filar a boia na sua casa, embora os méritos aqui sejam mais da Raquel, sua esposa, que tolerava isso tudo) e emprego. A partir dele tive a oportunidade de lecionar na Universidade do Sul de Santa Catarina e no Instituto Superior e Centro Educacional Luterano, dois outros locais que Fernando lecionava. De mais relevante foi a forma como ele me “passou” esses empregos. Arrumou uma confusão tremenda com os(as) estudantes e, quando o conflito se tornou insustentável, ele chegou com a solução. Trocar o professor, que ele inclusive já tinha o nome.

Após concluir o mestrado, nos afastamos fisicamente, mas continuamos trabalhando juntos. Fernando se mudou para a Universidade Federal de Lavras e passou a se dedicar a um projeto de Atletismo para crianças, o CRIA-Lavras. No fundo, continuava fazendo o que sabia fazer de melhor, buscar talentos. Só que dessa vez, de forma mais precoce. Do seu projeto brotou atletas de ponta, mas mais que isso, fez crescer a autoestima de crianças que o sistema elitista-racista do nosso país insiste em rebaixar. Acredito que seu maior orgulho tenha sido ver aquelas crianças crescerem e estarem sentados(as) nos bancos da Universidade Federal de Lavras e de outras tantas. Fernando me proporcionou uma última alegria. Ana Carla Mariano, ex-atleta do seu projeto, se formou em Educação Física, fez mestrado e está concluindo seu doutorado sob minha orientação. Em sua defesa de mestrado, quando abriu a palavra a Fernando, ele só conseguiu dizer “Ana Carla, muito obrigado”.

Fernando me confessou que queria viver 60 anos. Ficou nos devendo 6. Era um Aquiles por fora, mas um Hector por dentro. Com ele vive o que apelidei de 12-24-36. 12 horas sem comer, 24 horas sem dormir e 36 horas de piadas ruins. Acho que nos veremos um dia, mas não por agora. Ma ló li alafia Fernando!

## **Flávio de Oliveira Pires**

No cenário acadêmico nacional, algumas pessoas passam sem deixar sua marca. Outras deixam, pois influenciam positivamente na construção e incorporação de valores acadêmicos importantes por seus alunos. O Professor Fernando Roberto de Oliveira, ou simplesmente Fernandão, se enquadra especialmente nesse

segundo caso. Nesta homenagem póstuma, trago um pouco da minha história com o Fernando, alguns fatos que às vezes foram engraçados, mas que sempre foram decisivos para a construção dos meus valores enquanto professor.

Depois dos meus pais, talvez o Fernando tenha sido a pessoa que mais influenciou o meu jeito de ver e entender a função docente. Das pessoas na área acadêmica, certamente foi o meu maior influenciador. Tudo começou em 2001, em meu último ano da graduação em Educação Física na Universidade Ibirapuera. Fernando era o professor de fisiologia do exercício. Após faltar às duas aulas iniciais da disciplina (afinal, as primeiras semanas eram geralmente “vazias” de conteúdo), assisti à terceira aula dele (minha primeira). Ao final da aula, me dirigi ao “Professor Fernando” para esclarecer dúvidas sobre Bioenergética (um conteúdo já abordado em suas aulas iniciais). Antes mesmo que eu terminasse a pergunta, o Fernando interrompeu e aconselhou-me a buscar um livro para as minhas dúvidas. E, fez isso com um estilo “confrontador”. O seu estilo de abordagem me chamou atenção, logo percebi que o Fernandão tinha um jeito peculiar de “educar”. Apesar de eu estar acostumado a trabalhar desde os 10 anos de idade e assumir responsabilidades desde muito cedo, eu tinha me acostumado a um estilo “mais paternalista do que o normal” em sala de aula, praticado pela maioria dos docentes. O Fernando fazia diferente. Sai da conversa contrariado, com enorme frustração, e não poderia ter sido diferente. Assim, aproveitei o feriado de carnaval nos dias seguintes, li o livro inteiro de Fisiologia do Exercício do McArdle, Katch & Katch e prometi a mim mesmo que mostraria a ele “quem eu era”. Encerrei o ano com médias bimestrais dez e nove. Isso nos aproximou; achei que ele sabia o que estava fazendo desde o início.

Com a aproximação, passei a adotar o Fernandão como referência; pedi para que ele fosse meu orientador de TCC e ele me convidou para participar do seu grupo de estudos em fisiologia do exercício e treinamento. No começo eram três alunos (eu, Adriano e Fabio Highlander) e ele. Foi assim que comecei uma iniciação científica (IC) informal, pois não havia programa de IC no meu curso naquela época. Comecei a aprender sobre ciência e filosofia. Ao mesmo tempo que comecei a entender e trabalhar com modelos preditivos do desempenho humano, especialidade do Fernandão, também comecei a me interessar por filosofia da ciência e “da vida”. O Fernando era muito culto, lia de tudo, e estimulava tudo isso. Ele sabia estimular os sonhos. Nesse meio tempo, comecei a conhecer o lado amigo e cuidador do Fernando, um homem que usava palavras fortes, mas sempre recheadas de decência e compaixão; às vezes com um pouco de sarcasmo também. Como destacado por outros que assinam essa homenagem, o Fernando fazia questão da presença dos seus alunos ao seu lado, e não media esforços para isso. Por várias vezes eu presenciei o Fernando viabilizando refeição de uns, transporte de outros, e até hospedagem em sua casa. Ele ajeitava todo mundo, nunca pediu nada em troca. Esse era o seu jeito dele sonhar e levar a vida.

Num outro episódio marcante, Fernando me orientou no meu primeiro resumo publicado em Congresso. De quebra foi com apresentação oral, por insistência dele. Foi em 2002, no IV Congresso Sul-Brasileiro de Medicina do Esporte, em Blumenau. Tudo o que aconteceu nesse processo de escrita do resumo e viagem à Joinville (Fernandão morava lá nessa época) e Blumenau para apresentação do trabalho foi recheado de ensinamentos e emoções. Lembra do sarcasmo? Então, eu havia esquecido de levar uma calça adequada para fazer a apresentação no congresso, o Fernando me torturou durante muito tempo por causa disso. O Fernando era intenso! Voltei de lá com combustível para continuar minha evolução pessoal e acadêmica, mas também com novas piadas. Ele tinha uma visão positiva de mundo e ensinava a gente a levar a vida com leveza, bom humor e um pouco de sarcasmo. E, de nunca desistir dos sonhos. O Fernando me ajudou muito nos anos iniciais da minha trajetória, os mais difíceis da carreira acadêmica de um iniciante. Foi ele quem mais me incentivou a realizar passagem direta para o Doutorado, quando eu já estava cursando mestrado na EEFÉ-USP. Depois do Doutorado, nos afastamos um pouco fisicamente, ele se mudou para Lavras para realizar o seu sonho (ele não desistia dos seus sonhos): trabalhar com projeto social que envolvesse iniciação esportiva. Ele tinha o sonho de fazer diferença para quem precisava. E assim ele o fez! Mas o Fernandão sempre se fazia presente, mesmo de longe. Lembre-se, ele fazia questão dos seus alunos ao seu lado.

Das atividades que desempenho, considero a atividade de orientação e docência uma das mais importantes. Na formação de indivíduos críticos e preparados para exercer a atividade profissional, científica e acadêmica, podemos dar nossa parcela de contribuição para uma sociedade mais justa e digna. Muito disso, aprendi com o Professor Fernando Roberto de Oliveira, ou simplesmente, Fernandão. Fernando, sua parte você fez. “Todo aperto sempre será pouco”!

## **Fernando Adami**

Não seria quem sou se não fosse o Professor Fernando Roberto de Oliveira ... toda a carreira acadêmica, paixão pelo “método crítico”, entendimento em estatística, capacidade de argumentação e de luta foram aprendidos com esse grande mestre, além da formação como pessoa.

Sempre me senti muito orgulhoso por ter o mesmo nome do Professor Fernando, o que me cunhou ser chamado pelo sobrenome, característica que carrego até hoje com orgulho: Professor Adami. Conheci o Professor Fernando no segundo ano da graduação de Educação Física, na disciplina de Fisiologia do Exercício. Coincidentemente, era o primeiro ano dele na Instituição – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Desde o princípio, me impressionei com sua conduta profissional e acadêmica: pontual, incitador de questões/perguntas e da crítica, sem contar no enorme conhecimento sobre Fisiologia do Exercício e didática. Sim, o Professor Fernando, o Fernandão, era um excelente professor, no mais profundo sentido didático/pedagógico desse belíssimo ofício.

Eu sabia da importância da Iniciação Científica desde o início da Graduação, pois tinha interesse na área acadêmica sem, no entanto, saber muito o que era. Já no segundo dia de aula fui conversar com ele. Soube que estaria montando um grupo de pesquisa com reuniões semanais para os alunos de mestrado/doutorado e interessados na área. Resolvi participar! Começou aí uma relação na qual sempre estive envolvido com os projetos do Laboratório de Fisiologia do Exercício, coordenado com maestria pelo Professor Fernando. Fiz 2 anos de Iniciação Científica e mais 6 meses de monitoria no Laboratório, período durante em que aprendi toda a base de estatística sobre a qual hoje conduzo minhas pesquisas, além de coordenar um laboratório e de ter uma empresa de assessoria nessa área.

Quando eu iria para o Mestrado, deparamo-nos com um problema: o Professor Fernando não teria vaga para todos os alunos interessados. Resolveu apostar em mim numa área diferente; mais para saúde e epidemiologia. Nesse intuito, foi falar com os coordenadores do curso de Mestrado em Nutrição da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC. Até hoje me pergunto: que professor faria isso? Lembro-me bem de quando fui com ele na reunião com os coordenadores e dele falando sobre mim, abrindo as portas. Entrei no Mestrado, momento que me definiu num trilhar da carreira acadêmica mais focada na área da saúde.

Nesse momento foi quando de alguma forma nossos caminhos foram se afastando. Fui fazer o Doutorado em Saúde Pública na USP, terminado em 2011. Logo me inseri como Professor de Epidemiologia e Estatística na instituição que assino aqui, onde estou até hoje, incluindo aí com o cargo de Coordenador de um Laboratório na área e também com a função de orientador de Mestrado/Doutorado. A base construída no início da Graduação, portanto, aliada à coragem para que o Professor Fernando fosse me apresentar para o Mestrado na UFSC, foram molas propulsoras sobre as quais me impulsionei para a carreira acadêmica.

Mas nem só sobre carreira acadêmica posso falar das influências do Professor Fernando na minha vida: ele foi uma espécie de inspiração: parceiro de todas as horas, sempre dando conselhos como se fosse ora um pai, ora um amigo. Acompanhei o trabalho dele no Atletismo, talvez um dos mais impressionantes tanto em termos de rendimento esportivo, quanto de rendimento escolar e de inclusão. Seu trabalho em Lavras acolheu diversas crianças e adolescentes carentes. Sem perder o foco na formação atlética, também formava pessoas como cidadãos, abrindo portas para jovens negros e marginalizados. Nunca me esqueço quando ele destacou que rendimento é também, para alguém sem condições de enfrentar a vida com igualdade, entrar na

universidade, tirar notas boas, superar traumas que só minorias enfrentam. O projeto do Professor Fernando proporcionou isso a centenas de crianças e adolescentes marginalizados.

Paralelo a isso, nunca deixou de fazer ciência, bem como nunca deixou de criticar a própria forma da ciência, pautada em publicações científicas muitas vezes sem conexão com a realidade ou mesmo sem aprofundamento crítico necessário. Lembro dos modelos de fisiologia que suscitavas, nobre amigo, pautados em dados de peso e massa de outros animais. Conhecimento que gera liberdade, sem ter medo da crítica. Sem você, Fernandão, nada disso teria na minha vida e nem vidas de muitos que foram teus alunos!

Há um certo arrependimento de ter te visitado poucas vezes nos últimos anos. Mas também, não precisavas ir tão cedo, não é verdade? Tanta gente medíocre nas Instituições de Ensino Superior e foste nos deixar tão novo? Vai ficar mais difícil sem ti, mas o teu legado fica e espero que possamos manter. Talvez foste para algo maior, que como cientista que aprendi ser contigo, não há evidências de que isso existe; mas como amigo e alguém que aprendeu contigo a ser visionário e que reconhece que a ciência não explica tudo, vou ter fé que estás num local que mereças, emanando tuas broncas e críticas, sempre com intuito de nos fazer melhor.

Obrigado mais uma vez, Fernandão, por ter sido essa grande inspiração para todos nós: inspiração de pessoa, de professor, de pai de família, de cientista, de treinador, de amigo. Esteja bem onde estiveres. Nossos pensamentos sempre estarão contigo. Espero mesmo um dia te rever, eterno Professor!

### **Ana Carla Santos Mariano e Gislaine Cristina de Souza (Gisa)**

Eu (Ana Carla), conheci o Professor Fernando De-Oliveira em 2009, quando eu ainda estava no ensino médio e comecei a participar do projeto de atletismo, que futuramente se tornou o Centro de Iniciação ao Atletismo de Lavras - CRIA Lavras. A ideia do Fernando era simples, ele queria colocar todas as crianças e jovens, pobres e pretos dentro da universidade e fazer com que aquele ambiente fosse possível e desejável. E ele conseguiu com muito louvor. Todas as tardes, aquele homem maluco que gritava, xingava, elogiava e incentivava, tudo ao mesmo tempo, estava na pista se dedicando de forma voluntária àquelas crianças e jovens. Mas, não era simplesmente de atletismo que vivia o CRIA, Fernando fazia questão de levar cultura, histórias, muitas lições de vida e, acima de tudo, cobrava e valorizava a educação e os estudos (tínhamos que mostrar nossos boletins escolares para ele, e aí daqueles que tivessem notas baixas). Seu jeito único e peculiar de ser, conquistou o respeito, carinho e admiração de todos seus atletas. Ele não era apenas o treinador, ele era a referência que todos nós tínhamos. A educação e a valorização do conhecimento sem dúvidas será seu maior legado. Durante esse período foi me despertando o interesse pela educação física, e no CRIA eu fui descobrindo as maneiras que o esporte podia ser usado para fazer a diferença. A figura do Fernando foi decisiva quando escolhi o curso que queria fazer (ele é literalmente o “Culpado”). Ao final do ensino médio, ingressei na universidade, a mesma que eu passava todas as tardes treinando. Durante a graduação, eu continuei treinando e conciliando os treinos, as aulas e era monitora esportiva do CRIA. Depois que ingressei na Universidade, o Fernando também foi meu professor e orientador (também conhecido como Des´orientador). Desde o início da graduação o universo da pesquisa me encantava, e eu queria pesquisar, porém, o Fernando estava se afastando do lado científico, mas eu queria pesquisar e arrumar alguns problemas para o Fernando (como se ele tivesse poucos). Porém, com o método De-Oliveira de ensino (conhecido como “Todo Aberto É Pouco”), você já tinha que fazer a pergunta e ter a resposta ao mesmo tempo. Seu método de ensino era desesperador, mas nos obrigava e buscar respostas, conhecimento e críticas com grande autonomia. Contudo, ele incentivava ao extremo o estudo e o questionamento sobre tudo. E foi assim que comecei associar o conhecimento científico ao treinamento esportivo, mais precisamente ao atletismo.

Enquanto isso...

Me lembro como se fosse ontem, eu (Gislaine – porém chamada de Gisa pelos amigos, inclusive pelo Fernando), uma caloura da turma de 2010, conhecendo o Departamento de Educação Física da Universidade

Federal de Lavras (UFLA). Ao colocar meus pés no ginásio, me deparo com uma quantidade imensa de crianças correndo pela quadra. Havia crianças de todas as idades, meninos e meninas. Faziam educativos de corrida do atletismo. E lá no meio deles um senhor gritando (literalmente berrando) com aquelas crianças, que usava short jeans, camiseta, tênis e pochete. Essa foi a primeira vez que vi o professor Fernando De-Oliveira e, naquele momento, jamais poderia imaginar como ele e aquelas crianças mudariam minha vida. No 2º semestre, tive, efetivamente, meu primeiro contato com o Fernando, na disciplina de Fisiologia do Exercício. De cara descobri que não seria fácil, pois já na primeira aula, que sufoco! Eu que era aluna exemplar, nunca tinha perdido uma média na vida, tirei 0 na prova dele. Fiquei desesperada! Fui conversar com ele e falei que ficava todos os dias na biblioteca estudando só para a aula dele, não entendia o que eu estava fazendo errado. Então veio a resposta: “Negona, você não é tão burra, o teu problema é esse, ficar na biblioteca o dia todo. Você está estudando errado!” Entendi o recado, conversamos um tempo, e saí dali como nova monitora esportiva do CRIA (acredito que a partir desse momento comecei a estudar do jeito certo rs). Fiquei um tempo apenas auxiliando como monitora e cargos afins (no CRIA fazíamos de tudo), porém, para o Fernando, isso não bastava. Ele olhou para mim e falou: “Você tem a perna muito grande para não fazer nada, você tem que treinar atletismo”. E eu, num relapso de sanidade, concordei. Minha vida de semi-atleta não durou muito tempo, rapidamente recuperei minha consciência. Avisei ao Fernando que tinha a certeza de que não me tornaria atleta Olímpica aprendendo atletismo aos 20 anos, então era melhor me dedicar aos estudos. Naquele momento falei para ele, posso não ser atleta, mas posso tentar me tornar uma boa professora e quero fazer doutorado. Ele riu e disse: “Negona, me apresente uma ideia de pesquisa e, não se esqueça, você terá que brigar com leões”. Nesse momento, eu já tinha interesse em pesquisas sobre ciclo menstrual e que objetivavam estudar o desempenho das mulheres no treinamento esportivo. Além disso, o CRIA proporcionou que eu conhecesse minha cúmplice na academia e na vida, a Ana Carla (que vos falou acima). Pensei, já que nossas nuances de pesquisa eram parecidas e que os amigos não devem só rir juntos, porque não a convidar para se afundar nesse barco comigo?!

Eis que, em meados de 2013, surgem os nossos questionamentos sobre os efeitos do ciclo menstrual em atletas de atletismo e como poderíamos direcionar nosso foco para resolver um problema prático do CRIA. Apresentamos a ideia para o Fernando, ele aprovou e deixou subentendido: “Agora o problema é com vocês”. Porém, quando estávamos nos afogando, ele sempre jogava a boia para nos ajudar. Desse trabalho saíram nossos TCCs, apresentações em congressos internacionais, um artigo na *Journal of Sports Science* e duas indicações para mestrado. Ao final da graduação, seguimos caminhos um pouco diferentes.

Eu (Gisa) fui fazer o mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientada pelo Prof. Raul Osiecki e co-orientada (ou Des'orientada novamente rs) pelo Fernando. Bolamos o projeto e passei boa parte do meu mestrado aplicando a pesquisa aos atletas do CRIA. A Ana sempre esteve comigo, e não foi diferente nesse momento. Até o último dia da sua viagem para começar seu mestrado em Pernambuco, esteve ali vivenciando os estresses da minha coleta. Durante todo esse período, o Fernando entrou apenas uma vez no laboratório. Todas as outras conversas eram na quadra da UFLA. A maioria delas enfatizada por ele: “Somos muito bons em arrumar problemas”. Durante umas dessas conversas, ele me perguntou: “E o doutorado? Menina, se você quiser ser grande tem que brigar com leões. Você tem que estudar nutrição esportiva. Procure o Prof. Adriano Lima-Silva de Pernambuco”. Então fui atrás do Adriano. E como o próprio Fernando dizia: “Esse doutorado será feito com honras e é para ser seu”.

Por outro lado, Eu (Ana Carla) já fui fazer meu mestrado na Universidade Federal de Pernambuco com o Prof. Adriano, que era seu ex-orientado, e como o Fernando dizia “Um dos maiores talentos da nossa área (Dusbão)”. Porém, continuamos estudando atletismo e fazendo os estudos no CRIA, mas dessa vez, fui estudar fadiga e cafeína e Fernando foi meu co-orientador. Foi um período de grande aprendizagem e tive a felicidade de ter a presença do Fernando em minha defesa.

Talvez pelo destino ou por uma benção de Oxalá direcionada para minha caminhada (Gisa falando), o Adriano acabou indo para a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), levando a Ana Carla junto com ele para minha alegria (e talvez tristeza dela, por estar saindo do Nordeste e por eu sempre colocá-la nas minhas furadas). E com o Fernando apoiando um pouco mais a distância, hoje estou aqui, finalizando um



doutorado itinerante, com passagens pela UFPR, UTFPR, Universidade de São Paulo (com o auxílio do Rômulo Bertuzzi – Dusbão também) e CNPEM de Campinas. Eu (Ana Carla), também iniciei o doutorado no Paraná e seguimos os estudos com o atletismo no CRIA. O Fernando continuou nos co-orientando até o momento de sua partida. Infelizmente, não teremos sua presença física em nossas defesas, mas sabemos que aonde estiver, dirá “Todo aperto é pouco” e “Eu odeio estar certo”.

Durante toda essa jornada, ele não foi apenas um professor, treinador e orientador para nós. O Fernando foi um verdadeiro pai. Daqueles bravos, que gritam, xingam, dão esporro e não tem medo de colocar o filho no mundo, mas também, presente, amoroso, cúmplice e que acredita no seu potencial. E um verdadeiro pai de menina, que nos empoderava e lutava junto conosco todas as nossas batalhas. Temos certeza de que *Olorum* o acolheu de braços abertos e pode ter certeza que seguiremos o seu conselho: “Se for para sonhar, que sonhes grande”.

### **Ramon Cruz**

Qual seria o maior valor a ser acumulado durante uma vida? Embora não tenha resposta simples ou correta, talvez o Prof. Fernando dissesse que é a memória. E baseado em sua memória, assim como descrito por Homero (que ele citava com frequência), os que foram próximos a ele perpetuarão suas histórias e, portanto, seu nome. Assim, deixo aqui nesse texto algumas das minhas lembranças.

Conheci o Prof. Fernando durante o primeiro ano da minha graduação (2008/2009), cursando a disciplina de fisiologia do exercício I, na Universidade Federal de Lavras. Nesse período, tinha interesse pelas atividades de pesquisa e extensão, que no caso, eram coordenadas pelo Prof. Fernando. E como organizar as tarefas não era exatamente seu ponto forte, ele agendou o processo de seleção de ambas as atividades para o mesmo dia e horário. Então, após uma das aulas, perguntei para ele sobre o que eu deveria fazer. No momento, ele guardava o seu material, e sem levantar a cabeça disse, “Então, amanhã você precisa tomar uma decisão!” Em seguida, saiu caminhando. No outro dia, fui para o processo de seleção da pesquisa (entrevista), e o professor gentilmente disse para eu passar na sua sala mais tarde, e fazer a prova escrita do processo de seleção da extensão. Creio que a diversão do Fernandão era causar o estresse e depois propor a solução (risos). Após o processo seletivo, iniciei pesquisa e extensão sob orientação do Professor. No semestre seguinte, fui monitor da disciplina de fisiologia do exercício I.

Embora no momento não tivesse pleno entendimento sobre o que estava prestes a acontecer em minha trajetória acadêmica, conduzi as atividades de pesquisa e ensino (como monitor). Mas principalmente, participei de corpo e alma do projeto de extensão do Centro Regional de Iniciação ao Atletismo. Nos valores educacionais da equipe, encontrei os valores que norteariam minha carreira. O CRIA Lavras e a família Oliveira, tornaram-se extensão da minha própria família. E inclusive, aproveitei o espaço para me desculpar e agradecer a Raquel (a quem carinhosamente chamo de Mãe Raquel), por inúmeros desfalques à sua despensa (risos). A memória agradável da rotina de trabalho entre os anos de 2009-2012 é forte, durante a semana tínhamos reuniões da comissão técnica pela manhã e os treinos à tarde (o curso da UFLA era noturno à época). Nos finais de semana, quase que todos, viajávamos com a equipe de atletismo. Dentre as diversas formas de descrever esse período de convivência, o que mais chamava minha atenção, era ver alguém doar tanto de si por uma causa. Isso mesmo, uma causa. Havia (e há) nas atividades da equipe uma filosofia de vida que, comumente, é chamado de CRIA Lavras. Num país socialmente desigual, é preciso um tipo distinto de coragem para assumir que sim, pretos e pretas em vulnerabilidade social podem e devem ocupar espaços de destaque na universidade pública.

Após a conclusão da graduação, me mudei para Juiz de Fora. Lá fiz meu mestrado sob orientação do, também grande amigo, Prof. Jorge Perrou. Na oportunidade, o Prof. Fernando e eu discutíamos o que seria viável para estudar no mestrado, e ainda colaborar com a equipe de atletismo da UFJF, que estava iniciando seu também bem-sucedido caminho. Apesar da distância física, continuamos com muito contato. Uma história curiosa é que o Prof. Fernando participou como membro titular da minha banca de mestrado, e na manhã da

defesa me ligou por volta das 6:00 h para combinarmos sobre a carona do hotel para a universidade. Como era excessivamente cedo, comentou que eu não precisava atender ainda, era só para registrar a chamada. Eu respondi que não havia dormido bem, pela tensão da defesa. Ele respondeu “que isso rapaz, fique calmo. Somos amigos, você vai sofrer bastante na arguição, mas fora isso é tranquilo” (risos). Na arguição, o Prof. Fernando fez sua habitual série de questões e comentários, desde os agradecimentos até as referências. Durante meus agradecimentos após a defesa, me emocionei ao falar das equipes de atletismo. Segundo o Prof. ele não se emocionou, e sim teve problemas com cisco (poeira) nos olhos.

Ao terminar o mestrado, me mudei para São Paulo. Com o incentivo do Prof. Fernando, entrei em contato com quem me orientaria no doutorado, o amigo e Prof. Rômulo Bertuzzi (USP). A partir de 2015, meus encontros com o Prof. Fernando ficaram mais raros. Quando possível, eu viajava até Bragança ou ia até as pistas de atletismo em SP (dias de competição) para podermos colocar o papo em dia. Com alguma regularidade, alguém me alertava sobre uma ou outra publicação que ele fizera na sua rede social, era curioso que no contato pessoal, o Fernandão tentava manter a aparência de alguém severo, mas via rede social, declarava abertamente os elogios. Em 2017, fui pessoalmente à Lavras para comemorarmos mais uma conquista acadêmica, pois pouco tempo depois eu embarcaria para um período de estágio internacional (doutorado sanduíche), na *The University of British Columbia (UBC)*, em Vancouver/Canadá. Durante uma apresentação científica na UBC, eu citei o Prof. Fernando como meu “Mentor” e um dos “Culpados” por eu conseguir chegar até ali. Em agosto de 2019, tive a felicidade de me posicionar como professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina. Sempre me espantava a fé que ele tinha na educação, e ainda; que todos poderiam fazer, fazer mais, fazer melhor. No mesmo mês, nos encontramos na pista de atletismo em Bragança Paulista. Em seguida, fui à Lavras para rever sua família e a equipe. Naquela noite, para comemorarmos, fizemos um belo churrasco. Falamos sobre o futuro em Florianópolis (que ele conhecia bem), sobre parcerias acadêmicas, orientações, atletismo, pesquisa, filosofia, futebol. E claro, discutimos e definimos o futuro do universo (risos). Após tantos anos de convivência, eu ingenuamente achei que tivesse todas as respostas, mas como habitual, o Fernandão sempre muda as perguntas.

Bem, e qual seria o maior valor a ser acumulado durante uma vida? Eu não saberia responder. Entretanto, sei que ter tido a honra de conviver com o Prof. Fernando é incomensurável para mim, e é algo que trago edificado em minhas memórias. Como de costume em nossas despedidas, te cuida Negão! []s.

## **Pedro de Oliveira**

É relativamente difícil entrar com o texto de encerramento para as “crônicas dos ex-alunos e amigos” do professor Fernando Roberto de Oliveira. As melhores histórias já foram contadas e os melhores elogios já foram feitos. Fica aqui uma breve homenagem ao homem que literalmente me apresentou o mundo e mostrou/demonstrou a diferença entre ser “um” professor e ser “O” professor. Eu poderia chamá-lo de *Manager*, *Treinador*, *Orientador*, *Mentor*, *Amigo*, *Herói*, mas optarei pelo substantivo que mais utilizei durante meus 24 anos de vida... Pai.

Quando criança, sempre tive dois sonhos: O primeiro era ter aula com meu velho e o segundo era ser professor como ele. Desde que me conheço por gente tive contato com a vida acadêmica, nossa casa era recheada de livros, os seus alunos nos visitavam (e/ou “filavam a boia” como já foi dito anteriormente) com uma frequência exuberante, ouvia algumas aulas de forma indireta bem como diversas discussões entre pesquisadores (sem contar com o tradicional “dia de ir para o trabalho com o papai”, que era sinônimo de ficar a tarde toda no laboratório de pesquisa da UDESC).

Me recordo que um dos meus passatempos preferidos (ainda nessa época) era de ajudá-lo na correção das provas, seja na procura da caneta vermelha perdida pela casa, ou agrupando as provas de acordo com as notas. Naquela época eu me assustava com duas coisas: primeiro com a velocidade em que ele corrigia

as avaliações, segundo era com a disparidade das notas. Eu questionava o porquê do montinho de notas “0” e “2,0” sempre ficar exuberantemente maior que as demais (sem contar na raridade em encontrar notas maiores que “6,0”).

Ele adorava me chamar de “O culpado” nas aulas e em suas apresentações. A primeira parcela da culpa se deve ao fato que a mudança de Florianópolis para a cidade de Lavras no ano de 2007 foi em decorrência de um problema de saúde crônico que eu possuía. Já a segunda parcela se deve ao fato que o projeto CRIA-Lavras (a menina dos olhos de sua vida) tem como “marco 0” uma conversa despreziosa entre nós, onde afirmei durante a transmissão dos Jogos Olímpicos de Beijing que tinha vontade de praticar atletismo.

Em 2013 (ano em que passei no curso de Educação Física Bacharelado na Universidade Federal de Lavras) após ver a lista de aprovados no SISU, lembro de ter recebido um caloroso “Eu não vou te dar parabéns, você não fez mais que sua obrigação”, e foi ali que meu sexto sentido apitou lembrando que em breve eu descobriria na pele o motivo de tantos “0” e “2,0” nas avaliações.

Não demorou muito, em 2015 ele assumiu de volta a disciplina de Fisiologia do Exercício para ser meu professor (ele havia abandonado a matéria devido os assíduos problemas com a instituição em decorrência dos altos índices de reprovação). No primeiro dia de aula, enquanto realizava sua apresentação e dava o primeiro “apavoro” na turma *“Esse semestre eu vou ministrar essa disciplina como eu nunca fiz antes”* ele virou em minha direção e disse a frase que mudou completamente o rumo do restante da minha graduação: *“Pedro meu fiôzinho, saiba que esse semestre você vai proporcionar a maior alegria da minha vida, e ela pode vir de duas formas diferentes. A primeira é você conseguir passar e se mostrar um bom aluno. A segunda é você ser reprovado e me dar o prazer de contar a história de como eu reprovei meu filho para todos meus amigos durante o resto da minha vida”*. Após essa conversa metade da turma cancelou a disciplina, e eu comecei a estudar como nunca havia feito antes. Durante 6 meses meus dias favoritos da semana eram as terças e quintas feiras, e não mais os sábados e domingos. Quando começamos a parte de bioenergética, descobri que a admiração pode ser algo incomensurável e que alguns cérebros possuem mais capacidade em armazenar informações. Eu fui um dos poucos sobreviventes desse “semestre de terror”, mas sai dele com a certeza ainda maior de que vou fazer o mestrado, doutorado e de que me tornarei professor Universitário.

No início do filme Tróia um garotinho diz para Aquiles algo como: “Nossa, você vai lutar contra aquele gigante? Ele é muito forte, eu não teria coragem...” e então o Aquiles responde “É por isso que seu nome nunca será lembrado”.

O ser humano é memória... enquanto o nome de uma pessoa não for esquecido, ela estará entre nós sempre que for citada ou referenciada. Lendo esses textos fica nítido o quanto o professor Fernando era amado, o quanto ele “É” amado. Muitas pessoas passam pela vida sem deixar uma marca ou um legado. Felizmente meu pai não foi uma delas.